PALESTINA, MON AMOUR

ALFREDO BONANNO



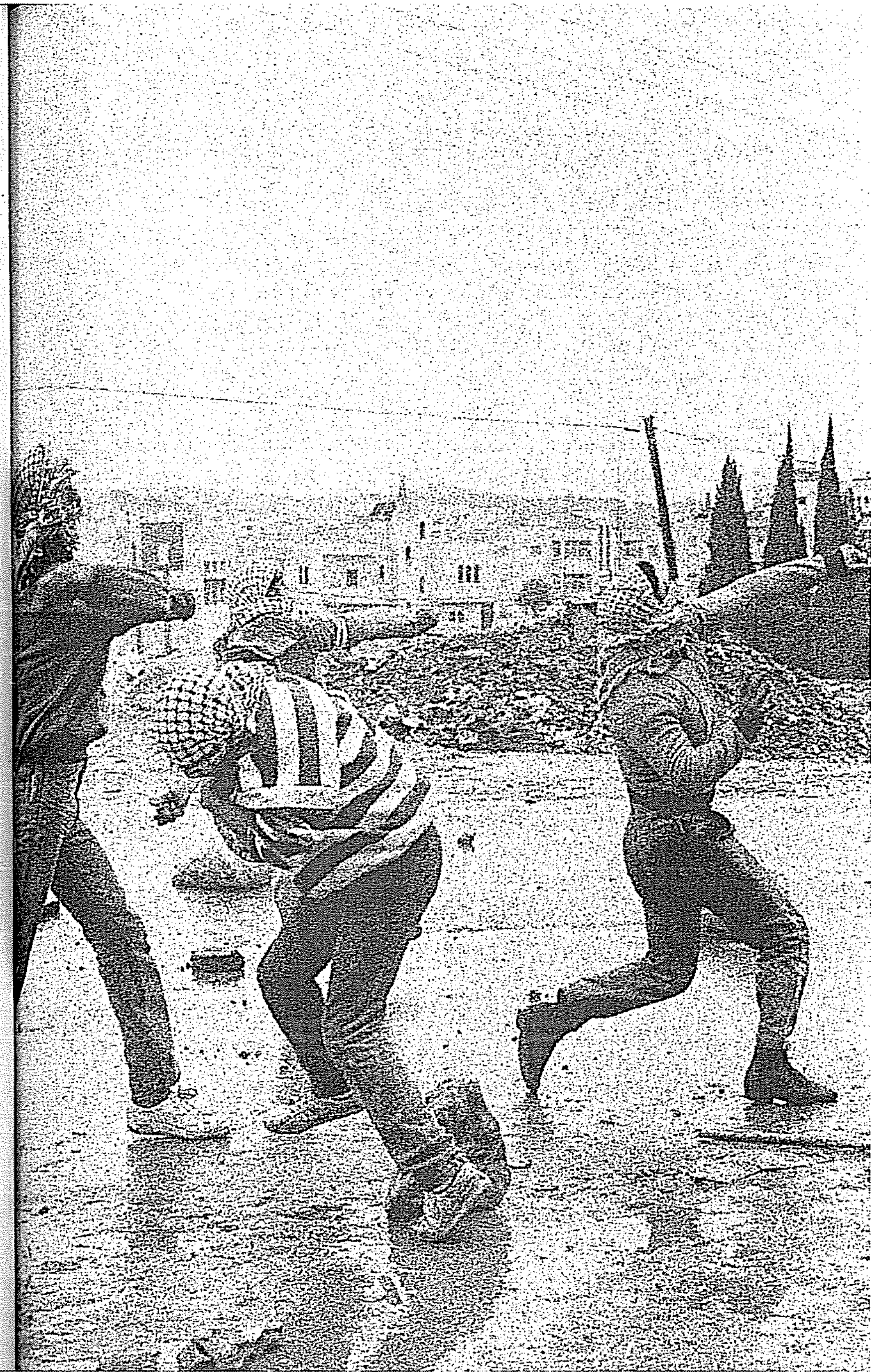
edições insurrectas
2023

"Isto e só isto oferece uma explicação convincente para a explosão da mídia televisiva e de toda a grande imprensa em condenações e demonizações de Israel, cujas falhas (que existem e são inegáveis) são enfatizadas e destacadas com uma insistência e energia sem precedentes. Quando na realidade se trata de um Estado que é, sem dúvida, opressor como qualquer outro Estado, tem as suas gravíssimas falhas específicas, arrisca-se verdadeiramente a uma involução num sentido cada vez mais autoritário, mas que não seria honesto colocá-lo como encarnação do 'mal absoluto', sem o qual haveria o triunfo do 'bem'".

Do segundo artigo, de Antonio Lombardo, intitulado "Contra as mistificações sobre Israel", extraio as seguintes passagens que me parecem de considerável interesse:

"Cada vez que Israel participa no massacre do povo árabe-palestino, chegam imediatamente cartas aos judeus italianos [...]. Eu digo que isso é nazismo, é racismo. A questão "Israel-Palestina" não é uma questão judaica, é uma questão de todos e não faz diferença se alguém é judeu ou não."

"[...] massacre de palestinos por: OLP pró-síria, Hezbollah pró-iraniano que dispara armas israelenses contra palestinos nos mesmos campos de 1982; os xiitas de Amal que, em dezembro de 1987, fizeram exatamente as mesmas coisas – nos campos palestinos – que vimos os soldados israelenses fazerem na televisão; os comunistas do PC libanês e os drusos que saudaram a 'libertação da OLP' no Líbano. Além disso, o serviço 'Fara Falastin' do Ministério do Interior sírio foi denunciado pela Anistia Internacional por ter construído e gerido campos de concentração para palestinos no deserto sírio. Certo! As falhas dos Estados Árabes não devem justificar as falhas de Israel. Nem deveria o militarismo israelense ser uma justificativa ou redução do mesmo militarismo anti-palestino dos 'irmãos árabes'. Ou, se para Israel é uma Lógica, para os Estados Árabes é uma Contradição (sic!)".



A LUTA INSURRECIONAL PALESTINA

Publicado em Provocazione, *n. 18, dezembro de 1988, p. 3 sob o título: "Repressione e lotta insurrezionale in Palestina".*

O que o Estado israelense está fazendo nos territórios ocupados de Gaza e da Cisjordânia responde plenamente à lógica da guerra de ocupação, a essa lógica destrutiva que todos os soldados aprendem no curso preparatório.

A manifestação constante sobre o que acontece seria uma prática cotidiana para os anarquistas se não estivesse numa área culturalmente estranha a eles.

Se estivéssemos falando sobre a situação sul-africana, sobre o que os seguidores brancos de Pieter Willem Botha acusados de racismo fazem aos negros daquele país [escrito antes da queda do *Apartheid*], a coisa seria pacificamente aceita. Já em relação ao que os israelenses fazem a questão é diferente. O motivo é óbvio. Os judeus sofreram o genocídio implementado pelos nazistas, portanto, num certo sentido, conquistam, por definição, a nossa simpatia.

Ninguém nega essa simpatia, que também é nossa. Aqui não se trata dos judeus, mas sim do Estado israelense e, certamente, também daqueles sujeitos que se prestam a realizar a política de extermínio dos palestinos.

Por exemplo, o fato de haver uma insurreição popular em curso nos territórios e que ao menos um palestino seja morto todos os dias não ajuda a esclarecer a situação. Simplesmente temos nos acostumado. Quando olhamos para os números como um todo, as coisas mudam.

Neste último ano [1988] 405 palestinos foram mortos (fonte palestina) enquanto uma fonte do Ministério da Defesa israelense fala de 392 assassinatos. Basta pensar que, mesmo considerando o número oficial israelense como confiável, é mais do que uma morte por dia. As fontes palestinas falam de cerca de 20.000 feridos, enquanto o referido Ministério informa 3.640.

Ao menos dez feridos por dia. Por outro lado, de acordo com dados do Ministério da Defesa israelense, 11 israelenses foram mortos, bem como 402 colonos e 703 soldados feridos. Os números falam por si.

A estes dados devemos acrescentar (novamente segundo fontes israelenses) 20.000 presos, 4.000 detidos sem julgamento, 5.521 prisioneiros em campos de concentração, 138 casas destruídas por dinamite em retaliação, 32 expulsos, 137 dias de toque de recolher obrigatório num ano, com um período ininterrupto de 42 dias, e isto apenas em 1988.

Por outro lado, a insurreição custou a Israel US$ 250 milhões em gastos militares adicionais, US$ 750 milhões em perda de renda nacional bruta, 14% menos turismo, com uma perda global de mais de 25% da renda nacional.

A insurreição coloca Israel em sérias dificuldades. Porém, as dificuldades, muito além da situação estritamente econômica ou política, são também, por assim dizer, relacionadas com a imagem. Israel está recorrendo a meios e procedimentos que estão prejudicando a simpatia e a solidariedade que os judeus construíram para si através do sofrimento e da repressão exercida por todos os poderes nos séculos passados. Ao se tornarem opressores, eles se tornaram "desagradáveis" e isso significa muito hoje.

Após aquele dia de dezembro de 1987, a revolta eclodiu depois que quatro passageiros palestinos foram mortos e sete ficaram feridos quando seu micro-ônibus foi atingido por um pesado veículo militar israelense. As ruas se encheram de crianças e jovens.

Isto é o que se conhece como *Intifada*. À frente, nas barricadas, estavam os *Shebabs*, as crianças nascidas em bairros marginais e nos campos de concentração sob a opressão militar de Israel após 1967. Daquele dia em diante, a partir dessas quatro mortes iniciais, a insurreição continuou inabalável. Olhando para a situação agora, antes de publicarmos este livro em 1998, as coisas não mudaram, a *Intifada* continua ininterrupta.

Os meios utilizados por essa insurreição são os clássicos, aqueles que muitos especialistas políticos declararam obsoletos, já que estamos em uma era virtual pós-moder-

na. A revolta só pode partir do que está disponível, neste caso, pedras. Depois sabotagem, usando meios simples e rudimentares, seguido pelo boicote aos cigarros e refrigerantes israelenses, acompanhado de atos de desobediência civil e greves.

Por sua vez, do outro lado, o Estado israelense desfere golpes duros. Os colonos fazem o mesmo, eles próprios disparam contra os manifestantes e praticam atos de vandalismo nas aldeias.

Palestinos indefesos são espancados até a morte. Quatro rapazes da aldeia de Salim, perto de Nablus, foram enterrados vivos por soldados israelenses. Gases venenosos são usados regularmente. Estima-se que, como resultado, mais de 1.800 mulheres palestinas sofreram com abortos forçados.

Água e eletricidade são cortadas nas aldeias insurgentes. A manifestação espontânea que ocorreu após o assassinato de Abu Jihad na Tunísia foi imediatamente esmagada pelos israelenses: dezesseis mortos. Os telefones nos territórios estão cortados. É proibido atravessar a fronteira. O fornecimento de gasolina e diesel está bloqueado. A colheita da azeitona está bloqueada. As balas de borracha, já testadas na Irlanda pelo exército de ocupação britânico, foram introduzidas e são usadas correntemente.

Nos últimos meses [1989] descobriu-se outra forma sutil de destruição. Misteriosos dispositivos de fósforo no formato de barras de chocolate ou brinquedos foram lançados em áreas ocupadas por soldados ou colonos israelenses com o objetivo de ferir crianças. Assim que são recolhidos, os objetos explodem. Cinco casos de lesões em Nablus somente no mês de dezembro. Em 10 de novembro de 1988, 24 casas foram demolidas por escavadeiras em Jiftlik no Vale do Jordão, depois dos moradores serem obrigados a recolher seus poucos pertences em carroças. Uma semana antes, quinze quarteirões em Taibe haviam sido explodidos. Os habitantes foram deportados.

Realmente parece que estamos vendo o mesmo roteiro do gueto de Varsóvia. Muitas vezes, a história se repete, mesmo que de cabeça para baixo. Por sua vez, Yitzhak Shamir [então primeiro-ministro israelense] declarou publicamente que pretende dar "um novo impulso" ao assentamento de colonos nos territórios ocupados. Com tudo isto, apesar da evidência destes fatos, ainda há pessoas, inclusive entre anarquistas, que encontra todo tipo de desculpa para justificar a ação repressiva de Israel. Seria bom que os companheiros vissem as coisas como realmente são para que possamos decidir o que precisa ser feito, no aqui e agora.

